

A ocupação do Bronze Final da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão¹

*João Carlos de SENNA-MARTINEZ²,
A.C. Neves de VALERA³,
Cristina TEIXEIRA⁴
e J.M. Quintã VENTURA³*

Introdução

Conhecido desde há muito, seria só em 1985/86, após os primeiros reconhecimentos efectuados por elementos do PEABMAM, que o Buraco da Moura de S.Romão se revelaria como um importante sítio arqueológico (SENNA-MARTINEZ, GUERRA & FABIÃO, 1986.; SENNA-MARTINEZ & VALERA, no prelo.).

Desde logo se foram recolhendo materiais arqueológicos em várias das cavidades do complexo, das mais superficiais às mais profundas (a mais de uma centena de metros da actual entrada), sugerindo, aos poucos, diversos períodos de ocupação.

De 1987 a 1989, efectuaram-se as três primeiras campanhas de escavações (nem sempre com as condições e duração desejadas) codirigidas por J.C. de Senna Martinez, António Valera e Isabel Estevinha (SENNA-MARTINEZ, 1989: 156-76; SENNA-MARTINEZ, VALERA & ESTEVINHA, no prelo.; VALERA, SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1989.). Estas intervenções foram realizadas em cinco dos principais espaços (Salas 20, 1, 2, 4 e 18), todas elas pertencentes a um núcleo de cavidades com grande concentração de materiais à superfície e localizado na parte inicial do complexo.

Neste momento, apenas se encontra concluída a escavação e estudo de materiais e estruturas da Sala 20. São esses resultados que, adoptando uma partição cronológico-estratigráfica, foram apresentados em quatro comunicações às *I Jornadas de Arqueo-*

¹ Comunicação apresentada às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco e Guarda, 27 a 30 de Maio de 1991.

² Professor Auxiliar do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa. Director do Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego (PEABMAM). *Instituto de História Regional e do Municipalismo Alexandre Herculano* ou *Instituto de Arqueologia* Faculdade de Letras de Lisboa, 1699 LISBOA CODEX, PORTUGAL.

³ Licenciado em História e História Variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras de Lisboa, investigador do PEABMAM.

⁴ Licenciada em História Variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras de Lisboa, Colaboradora do PEABMAM.

logia da Beira Interior, retomando-se aqui o texto então produzido sobre a ocupação do Bronze Final. Não obstante a escavação e estudo de materiais de outras cavidades deste complexo não estar concluída ou, para a maioria, nem sequer iniciado (já foram recolhidos materiais de superfície em mais de dezena e meia de cavidades), sempre que necessário será feita referência à informação já disponível para esses espaços. Na realidade, não só terá existido uma ocupação/utilização simultânea de várias cavidades, em determinados momentos, como a dinâmica de escorrências deste sítio foi (e é) responsável pela deslocação de alguns materiais de uns espaços para outros, o que obriga sempre a uma perspectiva de conjunto.

1. Localização e ambiente

O conjunto de cavidades naturais entre penedos graníticos denominado "Buraco da Moura" situa-se junto à ribeira da Caniça, na vertente Sul do Cabeço do Crasto de São Romão - um esporão encaixado na confluência daquela ribeira com o rio Alva - a uma altitude de 680m e com as seguintes coordenadas geográficas: 236.9/397.7 GAUSS, na folha 223 da C.M.P., esc.1:25000 (Fig.1).

Administrativamente, localiza-se no limite SE da freguesia de São Romão, próximo da povoação da Lapa dos Dinheiros, concelho de Seia, distrito da Guarda.

A análise do respectivo ambiente geográfico e geológico, tendo sido já feita noutra texto deste volume (VALERA, neste vol.), não será aqui repetida.

Quanto ao coberto vegetal, este caracteriza-se actualmente (SILVA & TELES, 1986.) por uma floresta de carvalhos (*Quercus pyrenaica*) e de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) com o acréscimo, mais ou menos recente, do castanheiro (*Castanea sativa*). Área fortemente antropizada, a paisagem vegetal actual difere acentuadamente do que terá sido a vegetação climática original - uma floresta temperada de carvalhos, dando lugar, em altitude, a uma faixa de videiros (*Betula pubescens*) - tal como recentes estudos palinológicos das sequências das turfeiras do andar médio/alto da serra têm vindo a revelar (JANSSEN, 1985.; JANSSEN & WOLDRINGH, 1981. e VAN DEN BRINK & JANSSEN, 1985; PYM VAN DER KNAPP, info. pess.).

2. Os dados de escavação

A cavidade aqui abordada é a que, no conjunto de todo o complexo, se situa na cota mais elevada. Esta situação coloca-a como o ponto de origem de escorrências de alguns materiais para outros espaços (VALERA, neste vol.). Situa-se no interior do aglomerado de penedos, mas num plano próximo da actual superfície, de tal modo que existe uma "claraboia" por onde penetra a luz do dia, insuficiente, no entanto, para dar clareza à cavidade. Esta, contudo, não terá sido sempre a configuração deste espaço. É visível no seu topo Norte a existência de um cone de escorrências provenientes do exterior, que se sobrepõe ao último nível de ocupação da sala 20 (UE.1), tapando uma larga abertura por onde se faria a entrada nesta cavidade, directamente a partir do exterior do complexo de penedos. Actualmente, o acesso só é possível pelo interior, a partir da Sala 2, mas através de uma escalada com a ajuda de cordas (Fig.2).

Posterior à ocupação antrópica da sala 20, este cone de escorrências transportou

materiais arqueológicos atribuíveis a vários períodos, destacando-se fragmentos de olaria, objectos de anfibolito polido e dois dormentes de mó manual, um dos quais inteiro, mas que de momento se situa entalado debaixo de um penedo de várias toneladas. Não sendo possível de escavar a partir do interior (por razões de segurança), esta escorrência demonstra a existência de ocupações no espaço exterior (ainda não comprovadas arqueologicamente). O estudo das diversas utilizações da sala 20 terá, pois, de a prespctivar como um provável abrigo com entrada pelo exterior, no qual é possível que se prolongasse a ocupação.

Escavada em três campanhas, esta cavidade forneceu uma estratigrafia que aponta para quatro etapas de ocupação distintas (cf. o corte da Fig.3). Iniciando-se no Calcolítico (VALERA, neste vol.) - com as unidades estratigráficas, UEs.8, 13 e 16 - prossegue com uma ocupação atribuível a um Bronze Pleno (SENNA-MARTINEZ, neste vol. b.) - correspondendo às UEs.4, 3, 11, 12 e 5 - sendo a ocupação do Bronze Final representada pela a UE.1, com alguns materiais recuperados entre as pedras do topo do muro constituído pela UE.5, o qual, embora construído no segundo momento de ocupação deste espaço, deverá ter prosseguido em utilização durante o período aqui considerado.

A UE.1 apresentava diversos sinais de remeximento: por um lado, a presença na sua parte inferior de alguns elementos cerâmicos provenientes da UE.4 (as remontagens efectuadas comprovam a sua origem); por outro, não obstante ter sido possível a remontagem quase integral de alguns dos recipientes atribuíveis ao Bronze Final (a notável conservação deste espólio e a alta taxa de recuperação de Formas que permitiu são discutidas em SENNA-MARTINEZ, neste vol. a.) a sua dispersão algo acentuada é significativa; na sua parte superior, alguma cerâmica a torno, de fabrico medieval (cf. VARANDAS, neste vol.), denota um último revolvimento e caracteriza uma última(?) utilização deste espaço.

Além da Sala 20, foram recolhidos materiais atribuíveis ao Bronze Final nas Salas 1 e 2.

No que respeita à Sala 2, os materiais recolhidos provêm das UEs. 0, 4 e interface superior da UE.6, camadas cuja formação se deve a escorrências cuja origem, pelo menos parcial, se situaria na Sala 20, ideia comprovada por várias colagens com materiais provenientes das UEs.1 e 4 desta última sala. Dos materiais importa destacar um fragmento proveniente da interface superior da UE.6, pertencente a um grande recipiente de armazenagem, sobre o qual foram recolhidos carvões que o recobriam parcialmente e do qual outros fragmentos integravam a UE.6 e parte do bordo foi ainda recuperado *in situ* na UE.4 da Sala 20, o que permite atribuir-lhe um contexto de origem do Bronze Pleno. Os carvões permitiram obter uma data - ICEN-600 2770 ± 90 BP - que sugere a utilização do espaço da Sala 2 e a reutilização deste grande fragmento de recipiente como base de lareira, num momento em que a UE.6 já estava formada, durante os sécs.XIII a IX cal AC (para um intervalo de calibragem a dois sigma), perfeitamente consentâneo com a ocupação da Sala 20 no Bronze Final. A recolha, na UE.1 da Sala 2, de dois fragmentos de placas de bronze com rebites, atribuíveis a um caldeiro [BMSR 87.023], ganha, deste modo, inequívoco significado (cf. SENNA-MARTINEZ, 1989: IBIS, Apêndice-III.e).

Quanto aos materiais atribuíveis ao Bronze Final provenientes da Sala 1, foram recolhidos na UE.2. Coberta na metade Este da área escavada pela UE.1 (camada de escorrência que forneceu alguns bojos de olaria manual, fragmentos de ardósia escolar

com nomes escritos e uma chave enferrujada) a UE.2 é constituída por terras castanho-escuras, pouco compactas, quase sem raízes e com bastante pedra solta de pequenas e médias dimensões. Dela provêm, para além de uma fivela metálica (bronze?), de um fragmento de ferro, e de olaria a torno tardo-medieva (VARANDAS, neste vol.), um conjunto de fragmentos de olaria pertencentes a recipientes de produção manual e agrupáveis em dois lotes: o primeiro constituído pelas peças atribuíveis ao Bronze Final, sendo as restantes claramente anteriores.

A formação desta camada, tal como as restantes detectadas nesta sala, resulta de escorrências que, no caso concreto desta unidade estratigráfica, terão tido origem, pelo menos em parte, na Sala 20. Para tal afirmação concorre o facto de serem várias as colagens de fragmentos cerâmicos provenientes deste nível da Sala 1 com fragmentos recolhidos na UE.4 e UE.5 da Sala 20, respectivamente materiais atribuíveis a um Bronze Pleno e a um Bronze Final. Cremos pois, que as peças atribuíveis ao Bronze Final do nível 2 da Sala 1 pertenceriam ao mesmo contexto arqueológico das provenientes da Sala 20.

Parece-nos, pois, que o espaço de efectiva ocupação no Bronze Final, até agora detectado neste conjunto de cavidades, se restringe à UE.1 da sala 20 (na altura funcionando como "abrigo") e, eventualmente, à interface superior da UE.6 da Sala 2, representando as restantes ocorrências de materiais deste período simples escorrências.

3. Os materiais

Os materiais atribuíveis ao Bronze Final recolhidos no decurso das intervenções realizadas, consoante os diversos contextos referidos, são listados no **Quadro I**:

Quadro I

Salas	U.E.	Recip. Individ.	Bases	Metais
20	[1]	16	2	-
20	[5]	3	-	-
2	[0]	1*	-	-
2	[1]	-	-	1
2	[4]	1	-	-
2	[6]	2	-	-
1	[2]	14	-	-
TOTAIS		37	2	1

* com fragmentos nas [3] e [6].

ção integral, valores que são os mais altos observados para as amostras deste horizonte cultural até ao momento por nós analisadas (*op.cit.*, Quadro-I); por outro lado, os exemplares que possibilitam reconstituição integral encontram-se, com duas excepções, virtualmente completos (42.1%).

3.1. A Olaria

Dois aspectos fundamentais caracterizam a amostra de olaria atribuível ao Bronze Final e proveniente da UE.1 da Sala 20: para um total de 19 recipientes identificáveis (portanto um conjunto de pequenas dimensões), todos permitem cálculo do diâmetro do bordo (dbo - cf. SENNA-MARTINEZ, neste vol. a., para as definições dos parâmetros de análise empregues, das Formas de olaria e respectivos sub-tipos), 13 (68.4%) possibilitam atribuição de Forma e 10 (52.6%) reconstitui-

Contrastando com estes dados, a olaria proveniente das Salas 1 e 2, com 18 recipientes identificáveis, apenas permite 6 atribuições de Forma (33.3%) e 5 reconstituições integrais (27.7%), das quais somente 2 recipientes da Sala 2, cujo contexto já referimos, se encontram completos (11.1%).

Este conjunto de observações reveste-se, no que possui de acentuado contraste em relação a outras amostras regionais crono-culturalmente afins, já estudadas (SENNA-MARTINEZ, neste vol. a.), e aliado a outros aspectos adiante referidos, do que cremos ser um significado contextual importante, que discutiremos oportunamente.

Os 13 exemplares da Sala 20 e os 6 das Salas 1 e 2 possibilitando atribuição de Forma distribuem-se do modo constante do **Quadro II**:

Quadro II

Forma	Sala 20		Sala 2		Sala 1		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%	n	%
31.1					1		1	5.3
32.1					1		1	5.3
34.1	2	15.4					2	10.5
34.2	2	15.4					2	10.5
34-Total	4	30.8					4	21.1
35.1			1				1	5.3
35.2	1	7.7					1	5.3
35-Total	1	7.7	1				2	10.5
36.1	1	7.7	1				2	10.5
39.1					1		1	5.3
40.1	1	7.7					1	5.3
41.2	1	7.7					1	5.3
43.1	1	7.7					1	5.3
43.2			1				1	5.3
43-Total	1	7.7	1				2	10.5
44.1	1	7.7					1	5.3
46.1	1	7.7					1	5.3
48.1	2	15.4					2	10.5

amentos brunidos (83.8%), de pastas finas, fortemente micáceas (único elemento não-plástico com presença média/forte significativa - 97.5% dos casos e sempre com elementos de diminutas dimensões), consistência compacta a média e textura homogénea a xistosa. As Formas do que designámos (SENNA-MARTINEZ, 1989: 467-8 e neste vol. a.) como Grupo 1 são dominantes no conjunto da Sala 20 (69.2%), o que dada a elevada taxa de atribuição de Forma, constatada para a amostra, demonstra uma inversão do observado para contextos de tipo habitacional estudados noutros sítios da região (SENNA-MARTINEZ, neste vol. a.).

Do Grupo 2, os exemplares das Formas 40, 43 e 44 (um de cada) da Sala 20 apre-

Verificamos, deste modo, que, das dezanove Formas de olaria definidas como específicas (únicas presentes na amostra recolhida) deste horizonte cultural, não estão representadas em BMSR sete, das quais apenas quatro são significativas no âmbito regional até ao momento investigado: Formas 33, 37, 38 e 42.

Alguns dos exemplares melhor conservados foram instrumentais na definição de algumas das Formas específicas do Grupo Baiões/Santa Luzia, caso das Formas 34, 35, 40, 41, 43, 46 e 48 (SENNA-MARTINEZ, 1989: 449-455 e neste volume a.).

No conjunto dos materiais cerâmicos deste sítio arqueológico atribuíveis ao Bronze Final predominam as superfícies com acaba-

sentam abundantes marcas de fuligem e de exposição ao fogo que, no caso dos dois últimos, justificam plenamente a designação de "panelas" que propusemos para as duas Formas e que, não obstante a inexistência de qualquer evidência de um "lugar de fogo", na Sala 20, durante a ocupação do Bronze Final, podem estar relacionadas com a ocorrência de uma possível estrutura deste tipo na Sala 2, como referimos atrás.

A percentagem de decoração é anormalmente elevada na amostra total de BMSR (24.3% dos recipientes identificados) e também no conjunto da Sala 20 (26.3%). O tipo dominante na amostra total é a impressão sobre o bordo por digitação, unguilação ou a punção (16.2%), apenas em recipientes do Grupo 2, seguida da incisão pós-cozedura (8.1%), que apenas ocorre no Grupo 1 (21.4%). Estes valores contrastam fortemente com os obtidos para os conjuntos "domésticos" de CSR estudados, em que a percentagem de recipientes decorados é 6.9% para CSR-A [12,47] e 3.4% para CSR-C.III [103,105] (SENNA-MARTINEZ, neste vol. a.), contudo convirá ter presente a pequena dimensão da amostra.

Os motivos detectados para a incisão pós-cozedura compreendem: num exemplar da Forma 31, o *motivo 1* da lista-tipo de A.C. Ferreira da Silva (SILVA, 1986: Est.LXV); dois motivos inéditos nos dois exemplares da Forma 48. Destes últimos (Est.I), um apresenta duas linhas horizontais paralelas ao bordo, unidas por traços verticais, apresentando o bojo duas faixas compostas por círculos duplos concêntricos e um círculo raiado (*sol*) [87.137], o outro tem linhas em zig-zag horizontais, sendo uma abaixo do bordo e outra na pança, separadas por uma linha ou linhas verticais igualmente em zig-zag [87.171].

Os dois exemplares da Forma 48, ambos da UE.1 da Sala 20 (pertencendo ao primeiro diversos fragmentos recolhidos em escorrência na interface superior da UE.6 da Sala 2), são os únicos até ao momento identificados regionalmente. Esta Forma não tem antecedentes conhecidos no Bronze Pleno regional (SENNA-MARTINEZ, neste vol. b.), embora possamos pensá-la como uma possível evolução dos *Globulares de colo tronco-cónico* oriundos do *fundo comum neo-calcolítico*, hipótese que, no entanto, carece de maior fundamentação e, nomeadamente, da descoberta de novos exemplares.

Particularmente interessante é a decoração da peça 87.137 (Est.I). Se a banda "em escada" sob o bordo encontra paralelo regional nos elementos do motivo 62 da lista-tipo citada, já os duplos círculos concêntricos e o motivo "solar" executados, do mesmo modo, em incisão pós-cozedura, são inéditos regionalmente, onde desconhecemos, nesta etapa crono-cultural, qualquer outro motivo executado com elementos curvos.

Um possível paralelo, conquanto executado por impressão, provém do Bronze Médio da Meseta Norte, em ambiente cultural do "Grupo Cogeces" ou "Proto-Cogotas" (GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, 1984-85: 269). Eventualmente, até por uma certa similitude formal dos nossos exemplares da Forma 48 com um vaso proveniente do "campo de hoyos" salmantino de Teso del Cuerno (MARTÍN BENITO, 1988: fig.16 e Lam.III) e atribuível ao mesmo horizonte cultural "Proto-Cogotas", talvez possamos ver aqui, como hipótese de trabalho, uma influência mesetenha que os fragmentos com decoração em boquique recolhidos no Cabeço do Crasto de S.Romão (SENNA-MARTINEZ, 1989: 482, Est.CXXXI-1522 e Est.CXLVI-3990) demonstram a outro nível. Contudo, o motivo solar presente no vaso do Buraco da Moura remete para simbologias de cariz meridional, aí frequentes no Calcolítico, não esquecendo que o mesmo símbolo iconográfico se encontra bem documentado na arte megalítica da Beira Alta.

Tudo isto poderá sugerir, alternativamente, uma origem regional para a Forma e decoração destes recipientes.

3.2 As placas metálicas

Os dois fragmentos de placas metálicas com rebites (Est.VII-87.023), foram sujeitos a análise, efectuada no Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa (SENNA-MARTINEZ, 1989: 623-4 e Apêndice III.2e), a qual revelou serem de bronze. Não obstante os fragmentos de que dispomos sejam escassos para uma atribuição segura, pensamos que poderemos estar em presença de restos de um caldeiro de tipo irlandês (COFFYN, 1985: 55-7; SILVA, 1986: 173, Est.LXXXVII-6 e 7).

O primeiro fragmento apresenta uma forma rectangular com 50 × 30mm, sendo constituído por duas finíssimas placas, com cerca de 0.5mm de espessura cada, e que estão fixadas uma à outra por seis rebites. O segundo fragmento, que se encontrava dobrado, num estado mais deteriorado e de formato irregular, conquanto de dimensões aproximadamente idênticas ao anterior, apresenta também duas placas de espessura semelhante reunidas por rebites, um dos quais utiliza dos dois lados duas pequenas chapas rectangulares para assegurar a fixação, de um modo que lembra os fragmentos da ocupação do Bronze Final do Castro do Coto da Pena, Caminha, publicados por A.C.Ferreira da Silva (SILVA, 1986: Est.LXXXVII-6 e 7) e alguns dos fragmentos do depósito de San Andrés de Hío, Pontevedra (COFFYN, 1985: Pl.LXI).

A composição elementar dos fragmentos de BMSR é bastante diferente dos materiais de CSR já publicados (GIL, *et alii.*, 1989.), afastando esta peça, caso seja de facto atribuível ao Bronze Final, das produções locais coevas conhecidas.

4. Discussão

Para uma plena compreensão deste sítio arqueológico torna-se necessário perspectivar-lo nas suas possíveis interrelações com o habitat do Cabeço do Crasto de São Romão, que lhe é sobranceiro e cujas componentes de cultura material aliadas aos dados de cronometria disponíveis para ambos os sítios faz pressupor possam ter sido contemporâneos. Esta questão, sem dúvida a mais importante para esclarecer o relacionamento dos dois sítios, é, de momento, impossível de resolver, uma vez que as datas de radiocarbono disponíveis apontam para uma contemporaneidade estatística dos dois, sem que seja possível avançar com qualquer proposta de cronologia mais fina.

Não obstante as semelhanças de base, é flagrante um conjunto de diferenças importantes dos conjuntos de olaria estudados para ambos os sítios (SENNA-MARTINEZ, neste vol. a.) e, particularmente, parece-nos significativa a inexistência em BMSR de qualquer vestígio dos grandes recipientes de armazenagem das Formas 41 e 42, omnipresentes, embora sempre com número reduzido de exemplares, em todos os contextos "habitacionais" por nós estudados até agora, inclusive naqueles que conhecemos apenas por prospecção (*Idem.*). Também os pequenos recipientes de pastas finas e cuidadas das Formas 32, 33 e 38 - os quais pensamos poderem ser objectos de uso pessoal, usados para o consumo de bebidas ou outros alimentos - primam pela ausência em BMSR ao contrário da totalidade dos restantes sítios considerados.

Atendendo ao que foi dito e à inexistência de quaisquer estruturas - com a possível excepção da pequena lareira da Sala 2 - inequivocamente relacionadas com a ocupação/utilização do Bronze Final de BMSR, a interpretação da funcionalidade deste espaço apresenta-se problemática. No entanto, algumas hipóteses de trabalho poderão ser levantadas.

Uma das possibilidades é entendermos este espaço como uma necrópole directamente relacionada com a ocupação do Bronze Final do Cabeço do Castro. Todavia, a informação até ao momento disponível não corrobora esta hipótese. Na realidade, estão ausentes quaisquer estruturas funerárias assim como ossos humanos ou cinzas. Pelo contrário, estão presentes alguns restos de fauna com vestígios de fracturas intencionais e recipientes de pasta grosseira com marcas de fuligem no exterior, revelando prolongada exposição ao fogo. Estes dados parecem, pois, apontar para um outro tipo de função desta área.

Outra hipótese será a perspectivização deste sítio como área de utilização "doméstica". Para tal concorrem os dados atrás apresentados.

Porém, se entendermos este espaço como um espaço "doméstico" ter-se-á de procurar qual a sua verdadeira relação com o habitat que lhe fica sobranceiro.

Por um lado, poderia apresentar-se como uma área de complementariedade económica, que as populações do castro utilizariam como centro de apoio para a exploração dos pequenos terraços e da ribeira da Caniça; e/ou como espaço habitacional semi-permanente.

Por outro lado, poder-se-á colocar a questão de o Buraco da Moura, enquanto espaço "doméstico", preceder ou suceder à instalação no Cabeço do Crasto.

Na realidade, a sala 20 do Buraco da Moura apresenta uma sequência estratigráfica que se estende desde um eventual Neolítico Final à Idade Média, facto que é único para a região. Poder-se-á, deste modo, pensar num Bronze Final a evoluir, em continuidade, de populações autóctones pré-existent.

Esta hipótese é contrária às teorias tradicionais que radicam a génese do Bronze Final no Centro/Norte de Portugal em migrações de povos indo-europeus, em conexão com fenómenos do tipo dos "campos de urnas" (SILVA, 1986: 121-122, 315). Contudo, tais hipóteses têm vindo a merecer crescentes críticas (JORGE, 1988: 96-7; MARTINS, 1990: 199), a nosso ver perfeitamente fundadas. Em alternativa, nos últimos anos têm vindo a ser defendidas, para várias regiões peninsulares, interpretações que filiam a origem do Bronze Final nas populações indígenas do Bronze Pleno, sob o impulso catalizador dos contactos atlânticos e/ou mediterrânicos e respectivos circuitos de troca de metais (cf. ALMAGRO-GORBEA, 1986.)

Assim, pensamos que a situação estratigráfica verificada na Sala 20 do Buraco da Moura, poderá ser mais um dado que aponta para a validade de tais tendências interpretativas. Tal leitura resulta tanto mais eficaz quanto a série de datas de radiocarbono, respeitantes a contextos do Bronze Final, vindas a lume nos últimos anos, parece colocar a sua origem para o Centro e Norte de Portugal claramente na charneira entre os quarto e terceiros milénios BP (SILVA, 1986: 34; MARTINS, 1990: 114-5; SENNA-MARTINEZ, 1989: Apêndice-II & VAZ, no prelo.), tornando possível considerar a transição Bronze Pleno/Bronze Final como um fenómeno marcado por algumas continuidades. Longe de podermos ser totalmente conclusivos, pensamos, contudo, que tal hipótese de trabalho merece, do ponto de vista da área regional que nos ocupa, séria consideração.

REFERÊNCIAS:

- ALMAGRO GORBEA, M. 1986. "Bronze Final y Edad del Hierro", in: F. JORDÁ CERDÁ, *et alii.*, *Prehistoria*, Gredos, Madrid
- COFFYN, A. 1985. *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Diffusion du Boccard
- DAVEAU, S. Ed., 1985. *Livro Guia da Pré Reunião. Glaciação da Serra Estrela - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*, G.T.P.E.Q.-G.E.T.Q., Lisboa
- GIL, F.B. *et alii.*, 1989. "Produções metalúrgicas do Bronze Final do Cabeço do Crasto de S.Romão, Seia: uma primeira análise", in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp.235-48
- GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F.J. 1984-85. "Proto-Cogotas I o el Bronce Medio de la Meseta: la gravera de Puente Viejo (Ávila)", in: *Zephyrus*, 37-38, pp.267-76
- GUERRA, A.; FABIÃO, C. & SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989. "O Cabeço do Crasto de S.Romão, Seia: alguns resultados preliminares das campanhas I(1985) a 3(1987)", in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp.189-234
- JANSSEN, C.R. 1985. "História da vegetação", in: S. DAVEAU Ed. *Livro Guia da Pré Reunião. Glaciação da Serra Estrela - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*, G.T.P.E.Q.-G.E.T.Q., Lisboa, pp.66-72
- JANSSEN, C.R. & WOLDRINGH, R.E. 1981. "A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from the Serra da Estrela, Portugal", in: *Finisterra*, XVI, 32, pp.299-309
- JORDÁ, F. *et alii.*, 1986. *Prehistoria*, Gredos, Madrid
- JORGE, S.O. 1988. *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas, 2, GEAP, Porto
- MARTIN BENITO, J.I. 1988. "Excavaciones arqueológicas en 'El Teso del Cuerno' (Forfoleda, Salamanca, España)", in: *Arqueologia (GEAP)*, 18, pp.131-56
- MARTINS, M. 1990. *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Universidade do Minho, Braga
- SARMENTO, M. 1933(1883). "Relatório da Secção de Archeologia da Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881", in: *Dispersos. Colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899. sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pre-Histórica*, Imprensa da Universidade, Coimbra, pp.129-152
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989. *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 3 vols., policopiada
- SENNA-MARTINEZ, J.C. neste vol. a. "O Grupo Baiões/Santa Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria", Comunicação apresentada às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco e Guarda, 27 a 30 de Maio de 1991
- SENNA-MARTINEZ, J.C. neste vol. b. "A ocupação do Bronze Pleno da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão", Comunicação apresentada às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco e Guarda, 27 a 30 de Maio de 1991
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; GUERRA, A. & FABIÃO, C. 1986. "*Cabeço do Crasto*", *São Romão, Seia. A Campanha I(1985)*, Catálogo da Exposição Temporária - FIAGRIS/86, UNIARCH/GHAS, Lisboa
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. no prelo. "Buraco da Moura, um novo sítio calcolítico e da Idade do Bronze no sopé do 'Cabeço do Crasto', São Romão, Seia: notícia preliminar", in: *Clio/Arqueologia*, 2
- SILVA, A.C.F. 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Cítania de Sanfins
- SILVA, A.R.P. & TELES, A.N. 1986. *A Flora e a Vegetação da Serra da Estrela*, Serviço Nac.Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa, 2a.Ed.
- TEIXEIRA, C. *et alii.*, 1974. *Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 20-B. Covilhã*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal
- VALERA, A.C. neste vol. "A ocupação calcolítica da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão", Comunicação apresentada às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco e Guarda, 27 a 30 de Maio de 1991
- VALERA, A.C.; SENNA-MARTINEZ, J.C. & ESTEVINHA, I.M. 1989. "O Buraco da Moura de S.Romão (Seia): alguns resultados preliminares da Campanha I(1987)", in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp.149-74
- VAN DEN BRINK, L.M. & JANSSEN, C.R. 1985. "The effect of human activities during cultural phases on the development of montane vegetation in the Serra da Estrela, Portugal", in: *Review of Palaeobotany and Palynology*, 44, pp.193-215
- VARANDAS, J. neste vol. "A ocupação medieval do Buraco da Moura de São Romão", Comunicação apresentada às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco e Guarda, 27 a 30 de Maio de 1991
- VAZ, J.L. no prelo. "4 datações para o Bronze Final Português", in: *Actas II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 26 a 29 de Abril de 1990

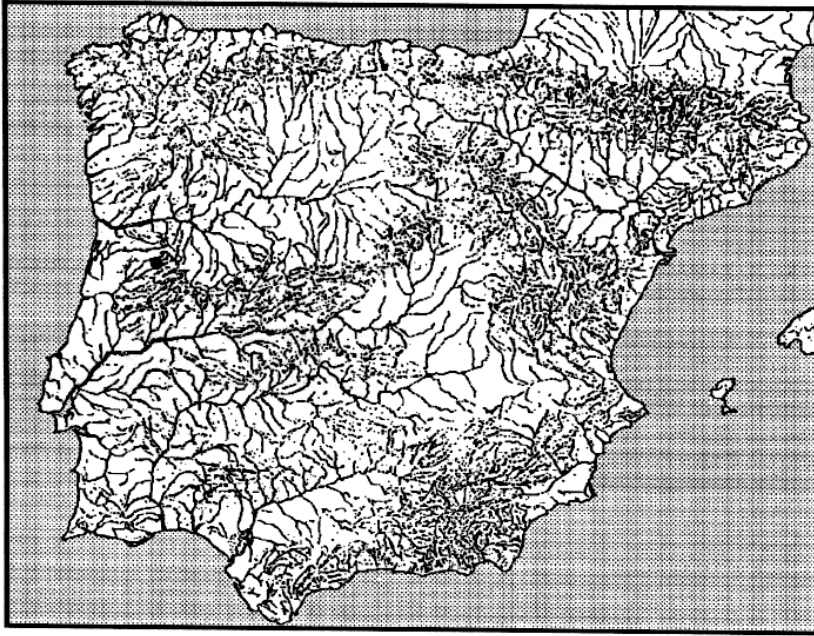


Fig. 1 - Localização do Buraco da Moura de São Romão e do Cabeço do Crasto de São Romão à escala 1:25000.

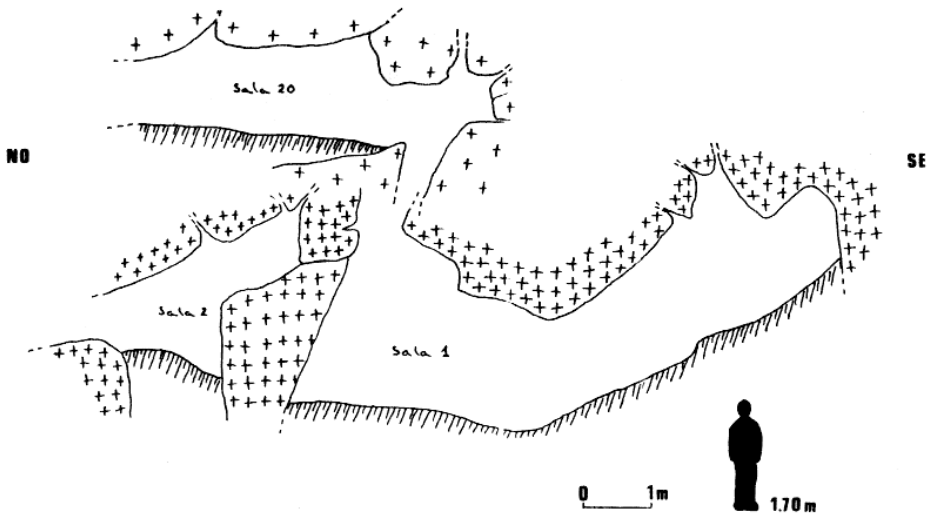


Fig. 2 - Perfil transversal SSE-NNO das "Salas 1, 2 e 20" do Buraco da Moura de São Romão.

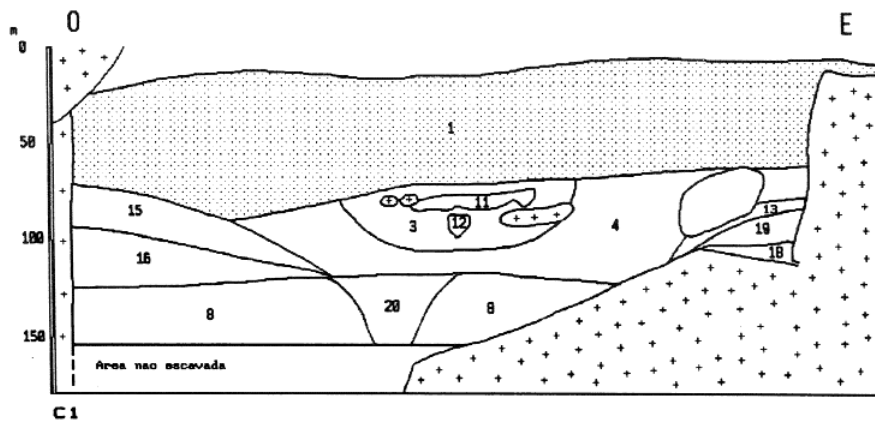
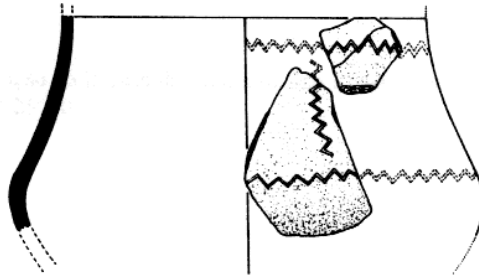
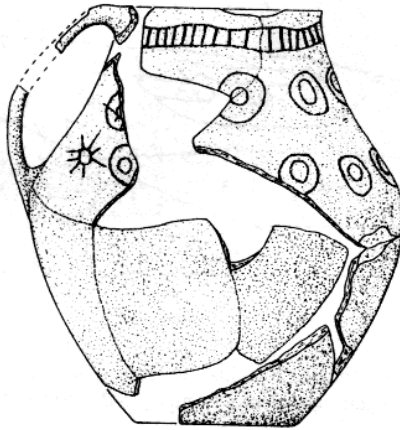
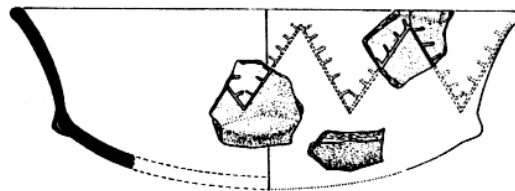


Fig. 3 - Corte E-W dos enchimentos da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão. O "grisé" indica a UE.1, camada correspondente à ocupação do Bronze Final

Estampa I



171/87



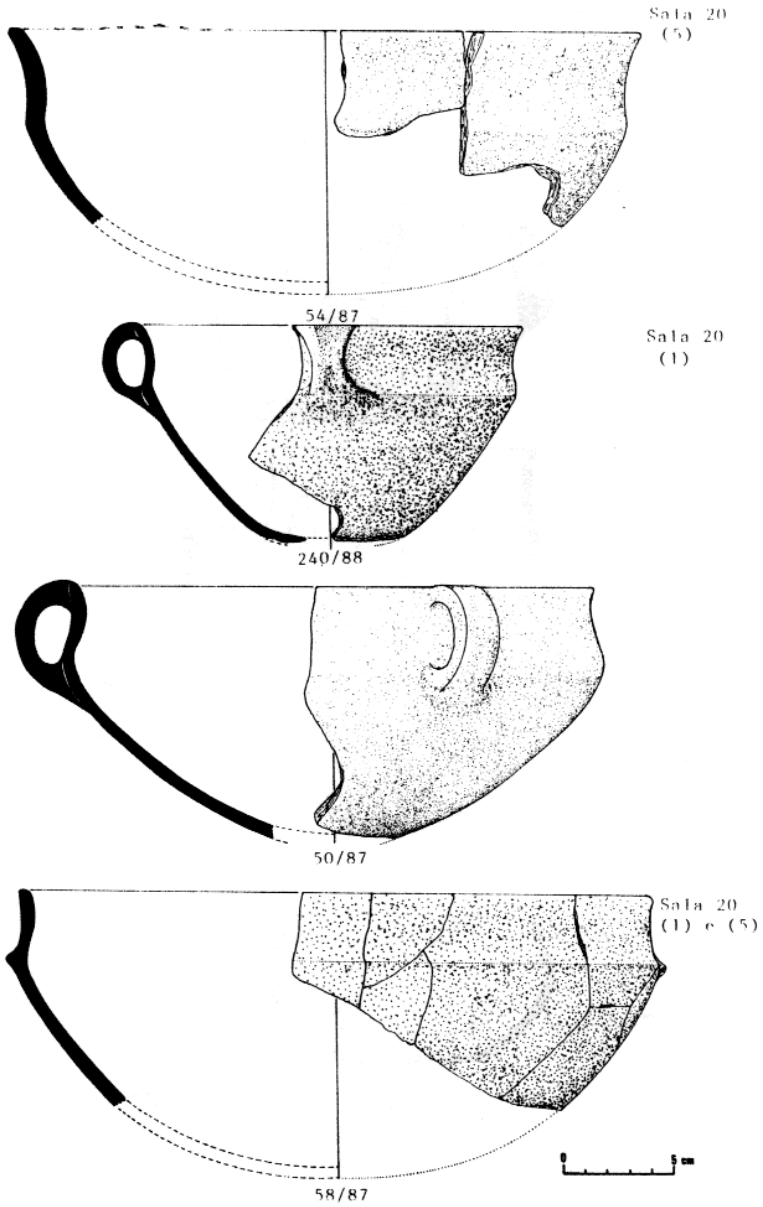
634/87

Sala 1
(1)



Olaria do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão: *Potes de colo alto tronco-cónico fechado* (Forma 48), com decoração incisa pós-cozedura [137/87 e 171/87]; *prato* (Forma 31.1) com decoração incisa pós-cozedura [634/87].

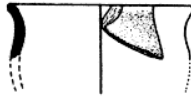
Estampa II



Olaria do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão: *Taças fundas de carena alta/muito alta* (Forma 34).

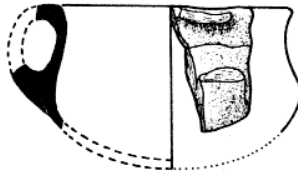
Estampa III

Sala 1
(1)



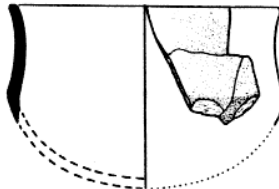
633/87

Sala 20
(1)



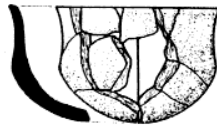
57/87

(5)



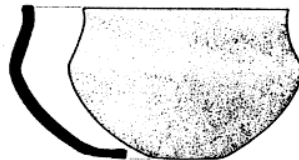
53/87

Sala 2
(0) (3) (6)



589/87

(4)



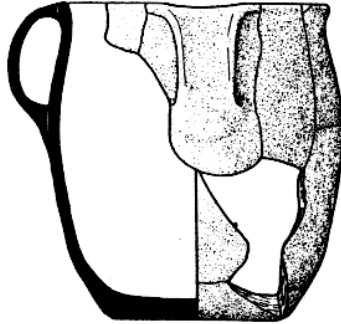
635/87



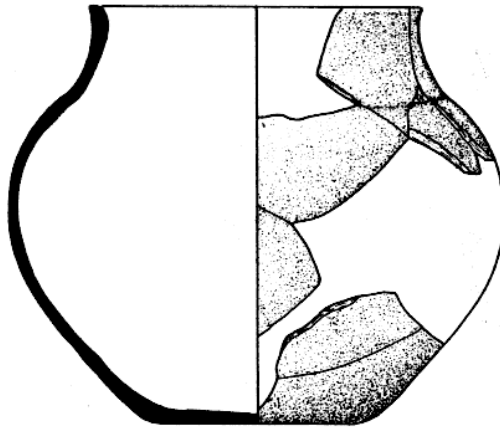
Olaria do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão: *Taça de perfil em S e colo estrangulado* (Forma 39.2) [633/87]; *Púcaros* (Forma 36.1) [57/87 e 635/87]; *Potes de carena média/alta e colo estrangulado* (Forma 35) [589/87 e 53/87].

Estampa IV

Sala 20
(1)



111/87

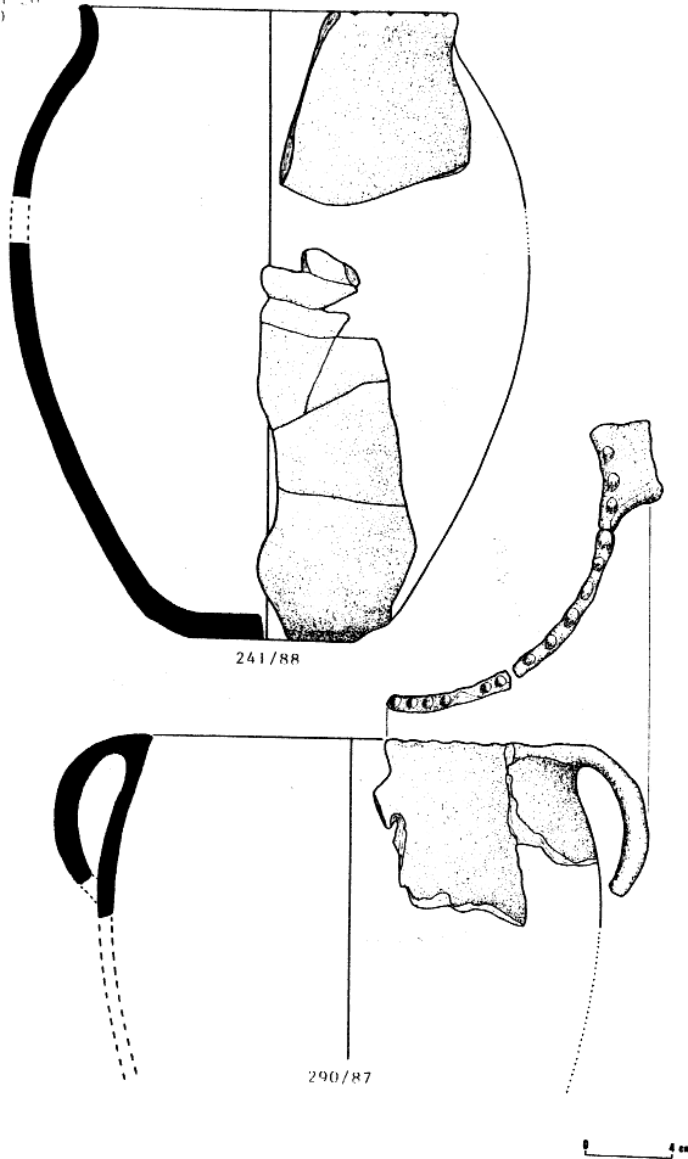


239/88

4 cm

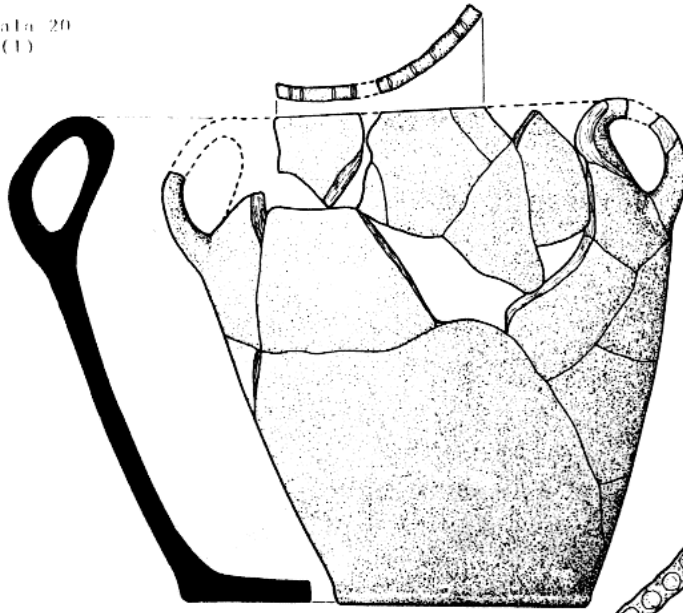
Olaria do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão: *Jarro* (Forma 46.1) [11/87];
Pote de colo fechado (Forma 40.1) [238/88].

Sa Ia 20
(1)



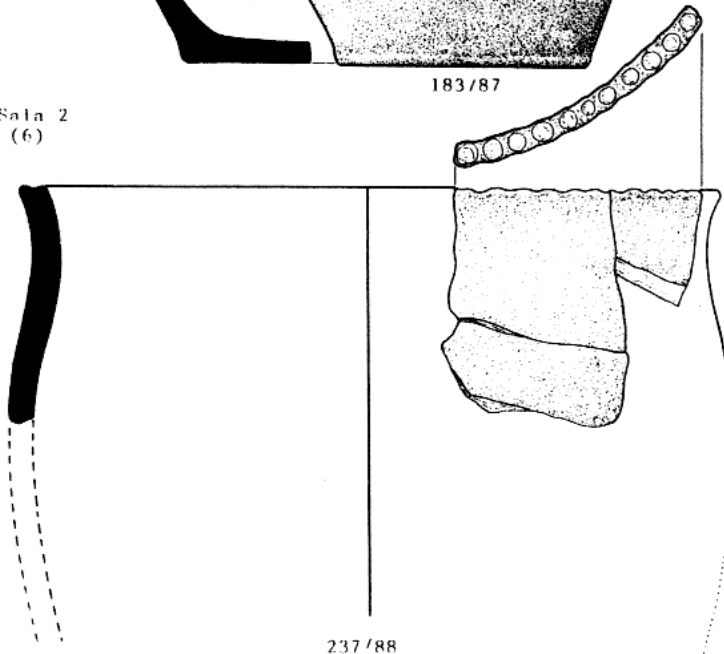
Olaria do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão: *Pote muito alto de colo exvertido* (Forma 41.2) [241/87]; *Panela globular de colo tronco-cônico fechado* (Forma 44.1) [290/87].

Sala 20
(1)



183/87

Sala 2
(6)



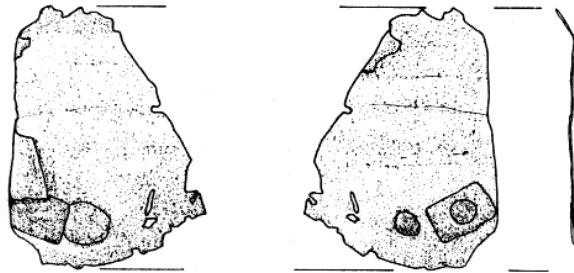
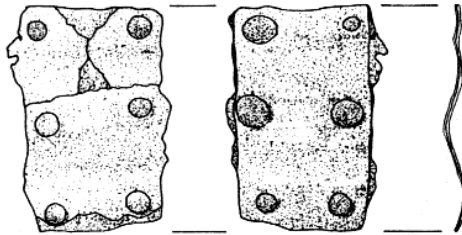
237/88

0 4 cm

Estampa VII

S2

(1)



23/87

0 2 cm

Fragmentos de placas de bronze rebitadas, atribuíveis, provavelmente, a um "caldeiro" do Bronze Final.